



UM OLHAR SOBRE AS PRÁTICAS COMUNICATIVAS URBANAS: OS DIÁLOGOS PÚBLICOS NO CENTRO DE BELO HORIZONTE

Milene Migliano Gonzaga¹

Este artigo pretende relacionar as indagações sobre certas interações comunicativas encontradas no centro de Belo Horizonte, as quais denominamos diálogos públicos. Ao considerar a cidade como espaço público privilegiado para o encontro da diversidade cultural, econômica e social, buscamos neste texto aliar formas de se compreender a articulação das experiências dos sujeitos e as práticas culturais urbanas. Discorreremos e desenvolveremos caminhos sobre perspectivas teóricas, concatenando as interações comunicativas e os imaginários culturais, as práticas culturais e os contextos históricos, tempos e territórios, na busca do desenvolvimento de nossa pesquisa.

Palavras-chave: comunicação urbana, práticas culturais, experiência, territorialidades, cotidiano.

O cotidiano do centro de Belo Horizonte apresenta em sua dinâmica diversas práticas culturais conformadas pelas experiências dos sujeitos coletivos e individuais, articuladas a uma intensa multiplicidade de temporalidades e espacialidades. Os sujeitos agem e participam do cotidiano atualizando práticas e inventando formas de se relacionar com os outros diariamente, instaurando e reafirmando lugares e tempos que se acumulam na experiência deste espaço urbano. Este texto, que se refere ao nosso objeto de pesquisa de mestrado, direciona o olhar para algumas práticas comunicativas dos sujeitos comuns que se encontram nas ruas, ou melhor, nas superfícies da cidade.

Estas práticas comunicativas, que se qualificam como cartazes manufaturados, inscrições nos muros, pixações, grafittis, stickers e máscaras, começaram a ser fotografadas no centro da cidade em um período em que as intervenções de reforma urbana se estabeleceram como rotina tanto das ações municipais como estaduais, alterando a vida de todos que circulam pelo centro da cidade isto é, desde março de 2005, até hoje. Nosso recorte empírico para situarmos as indagações a respeito da relação da comunicação urbana com as práticas culturais, tempos e territórios, são as interações comunicativas encontradas no centro de Belo Horizonte as quais denominamos diálogos públicos. Durante o acompanhamento das transformações destas

¹ A autora é mestranda no Programa de Pós-graduação em Comunicação e Sociabilidade da Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisadora do Centro de Convergência de Novas Mídias – UFMG; milenemigliano@gmail.com.

práticas comunicativas, percebemos que três lugares se estabeleceram como territórios de diálogos públicos, e são com os registros destes três espaços que iremos desenvolver a pesquisa: o conjunto arquitetônico da Praça da Estação, a Praça Sete de Setembro e a Rua da Bahia nas proximidades do Parque Municipal.

A formulação do termo diálogos públicos, parte do entendimento que diálogo é uma prática comunicativa que pressupõe a interlocução entre ao menos dois sujeitos.

“A vida urbana pressupõe encontros, confrontos das diferenças, conhecimentos e reconhecimentos recíprocos (inclusive no confronto ideológico e político) dos modos de viver, dos ‘padrões’ que coexistem na Cidade.” (LEFEBVRE, 2001:15).

Assim, os encontros que viemos mapeando e que se constituem como diálogos se utilizam da situação de compartilhamento do espaço urbano para estabelecer contato. Todos os sujeitos que caminham no espaço da cidade - realizando sua escrita da cidade, construindo enunciados – fazem parte do endereçamento dos textos, pois os diálogos estão na rua disponíveis a qualquer um que percorre e acessa o espaço público. Como trata Lepetit, o texto “não só ‘abre um caminho de pensamento’ – para retomarmos uma expressão de Paul Ricouer – como também convoca e espera a leitura, que fornece sua interpretação.” (LEPETIT, 2001:150).

As ruas da cidade conformam o ambiente mais acessível em nossa atualidade, pois a condição de circulação pela cidade é um direito de todos, e é nesta condição de público que as interações comunicativas que registramos na cidade se colocam; por isso escolhemos a denominação das práticas comunicativas que encontramos na cidade como diálogos públicos.

“O ponto fundamental (...) da vida social das calçadas é precisamente o fato de serem públicos. Reúnem pessoas que não se conhecem socialmente de maneira íntima, privada, e muitas vezes nem se interessam em se conhecer dessa maneira. (...) As cidades estão cheias de pessoas com quem certo grau de contato é proveitoso e agradável, do seu, do meu ou do ponto de vista de qualquer indivíduo.” (JACOBS, 2000:59).

Diversidade de práticas culturais: táticas e estratégias

Os diálogos públicos que se articulam na cidade estabelecem relações tanto de plasticidade quanto de conteúdo entre si, com os imaginários dos sujeitos que caminham nas ruas e com a materialidade da cidade. Tal relações complexas e articuladas,

propiciam e realizam o desenvolvimento de diversos processos culturais e sociais no espaço urbano.

A abordagem para os fenômenos sociais e culturais em Michel de Certeau se dispõe a analisar as relações sociais, partindo de um entendimento de cultura como as práticas vivenciadas no cotidiano. Nesse sentido, uma mudança na receita do bolo, um arranjo para manter uma planta em pé, ou a utilização de um grampo de cabelo como um clipe de papel se configuram como práticas culturais tanto quanto a execução de uma ópera ou a utilização de uniformes na escola. Logo, as práticas culturais estão sempre em consonância com o contexto histórico dos territórios onde são realizadas. Para Certeau, as práticas e operações desviantes são abordadas como táticas que ao se apropriar das estratégias utilizadas pela ordem social onde se conformam, são capazes de reconfigurar e inventar outras formas de se relacionar.

Dessa maneira, as práticas que os sujeitos da cidade realizam de modo a propor uma interlocução com o outro, que compartilha e vivencia o mesmo espaço, se configuram como um fenômeno comunicativo apropriado. Lancemos mão da perspectiva frente aos procedimentos “multiformes, resistentes, astuciosos e teimosos” (CERTEAU, 2004:175) associando o conhecimento destas práticas culturais à produção e trocas de saberes da vida cotidiana, articulando conhecimentos de ordem tática, que se apropriam das estratégias a fim de chegar aos seus objetivos. Esses modos operacionais se estabelecem sem um espaço programado, se instituindo a partir de suas necessidades e recursos disponíveis para chegar a uma solução viável e que de conta de estabelecer comunicação.

Considerando as práticas culturais como táticas ou estratégias, classificando-as por conta dos tipos de operações que se utilizam para se concretizar, temos para além das táticas dos sujeitos, e mesmo antes delas, a cidade planejada por estratégias urbanísticas. Seguindo a perspectiva de Henry Lefebvre, o racionalismo operacional que estimula o pensamento urbanístico não segue um único caminho, mas sim diversas tendências referenciáveis, que hora se contradizem a uma racionalidade técnica, hora se ocupam de realizá-las em seus projetos.

Lefebvre distingue então, três tendências nas quais podemos mapear o pensamento urbanístico, e, portanto estratégico, na atualidade: 1. “o urbanismo dos homens de boa vontade”, que como médicos que pretendem salvar a situação caótica em que as cidades se encontram, se ligam a um humanismo que pretende salvar o mundo inteiro com medidas que não dão conta mais da realidade social, projetando aldeias,

comunidades e edifícios civícos que diferem das necessidades atuais. 2. “o urbanismo dos administradores ligados ao setor público”, que se pretende científico, capaz de dar conta dos problemas com um cientificismo que tende a negligenciar o fator humano e dinâmico das cidades: este pensamento não tarda a projetar modelos que arrasam o espaço urbano em prol de eixos viários, cabos de fibra ótica e grandes obras que apagam “da existência social as próprias ruínas do que foi a Cidade” (LEFEBVRE, 2001:24). 3. “o urbanismo dos promotores de vendas” que tem como finalidade única o mercado e os lucros; se murar quarteirões inteiros e esperar durante anos a valorização da área para vender os terrenos é a melhor forma de conseguir lucros exorbitantes, por que se preocupar com as famílias que co-habitam o mesmo bairro, que ficaram sem um comércio de sobrevivência básica, sem espaços de lazer e com a segurança fragilizada.

Lefebvre explicita que a estratégia global que rege o pensamento urbanístico das cidades, se estrutura a partir destas diversas tendências, não concluindo nenhum de seus objetivos, ao mesmo tempo em que transforma a cidade em palco de vários projetos. Como não há uma estratégia única reinante, a cidade tem em sua própria estrutura uma complexidade anunciada, mas também o menor risco de que qualquer uma das estratégias se estabeleçam por completo.

As práticas comunicativas que encontramos pela cidade se aproveitam das estratégias que tentam coordenar o espaço urbano, mas também se apropriam de outras estratégias contemporâneas para alcançar seus objetivos de visibilidade e contato. Buscam referências nas estratégias dos programas de televisão, das salas de aula, de blogs da internet, das campanhas da prefeitura, de fóruns de discussão e mesmo do convívio familiar. Os diálogos públicos produzem sentidos usando o que está disponível no espaço urbano para se comunicar, prolongando a duração do que poderia ser uma simples conversa ou exibição de um discurso em praça pública.

Tal perspectiva nos permite problematizar alguns fatores emergentes da complexidade e a diversidade das cidades relacionada aos estudos de comunicação urbana. Retomando a perspectiva de Certeau, os sujeitos nas cidades articulam suas experiências na vida cotidiana nos espaços urbanos, produzindo sentidos em cada um de seus passos. Se entendermos que todos os sujeitos que compartilham a mesma cidade produzem sentidos baseados em sua experiência única, podemos começar a esboçar uma problemática advinda da complexidade de imaginários que compõem os ambientes urbanos.

Certamente, tamanha diversidade de experiências e imaginários gera conflitos e negociações constantes, já que a “agregação de tantas pessoas com interesses tão diferenciados, que devem integrar suas relações e atividades em um organismo altamente complexo” (SIMMEL, 1973:15) não se configura como uma tarefa fácil de realizar, desde o século XIX.

Ao direcionar o olhar para a comunicação que se estabelece na cidade encontramos conflitos, negociações e às vezes até consensos, nas interações comunicativas. É a busca do entendimento destas relações imbricadas nos diálogos públicos que se conforma como nosso objetivo no desenvolvimento da pesquisa de mestrado. Assim, é no olhar para as experiências e práticas dos homens ordinários, para as relações cotidianas estabelecidas nas ruas do espaço público, que podemos problematizar e construir caminhos para entendimento da ordem social em dimensões mais abrangentes.

É o caso do desenvolvimento de diálogos em um tapume de proteção das obras do Museu de Artes e Ofícios, nas escadarias que ligam o túnel da Praça da Estação e a Rua Sapucaí, no centro de Belo Horizonte. Este diálogo começou, em março de 2005, com a inscrição de uma pergunta: “quando este museu vai ficar pronto?”. A partir daí, várias respostas e novas perguntas foram inscritas e sobrepostas no mesmo tapume, utilizando desde pedras ou giz de cera, até canetas, lápis, spray e raspagem da madeira. A evolução deste diálogo trouxe a tona questões relacionadas à legitimidade dos sujeitos na participação política da cidade, tanto quanto na denúncia de situações, quanto ao reclame de serviços públicos. Assim como as escadarias da Praça da Estação, diversos outros modos de se comunicar na cidade se apropriam de lugares específicos; como muros, tapumes, caixas de eletricidade, placas de sinalização, praças e portões; instaurando outras formas de participar das dinâmicas da vida contemporânea.

Ao vivenciar o cotidiano do centro da cidade, os sujeitos se encontram em relação a ela e entre si, vivendo suas experiências que, articuladas, conformam o tecido urbano. Nossa preocupação de pesquisa se situa na busca pelo entendimento de como as práticas culturais e comunicativas urbanas articulam estes processos de experiências dos sujeitos individuais e coletivos, locais e globais.

Tempos, espaços e imaginários

Como já pudemos perceber de acordo com as anotações acima, a cidade contemporânea conforma-se como espaço público privilegiado para o encontro da diversidade cultural, econômica e social. Entendemos a cidade formada por suas estruturas físicas – dimensões espaciais – e por significados em fluxo – dimensões culturais – em um movimento dinâmico e contíguo; como um espaço polifônico, “uma cidade que se comunica com vozes diversas e todas co-presentes” (CANEVACCI, 1993:15): a formalidade arquitetônica dos prédios, as lojas com suas liquidações anunciadas em papéis coloridos e em vozes amplificadas, as placas de sinalização, a propaganda nos *outdoors* e nos pontos de ônibus, as páginas de jornal expostas em bancas, os painéis eletrônicos, as pichações nos muros, uma conversa com o engraxate de sapato, um rabisco dentro do ônibus.

As relações de comunicação que são observadas no cotidiano se conformam como práticas culturais da cidade, nos movimentos de atribuição, circulação e consumo de sentidos da dinâmica social do centro. Nossa perspectiva se aproxima da abordagem de Armando Silva em sua pesquisa nos centros urbanos latino-americanos, onde ele busca aquilo “que tiene que ver con el uso e interiorización de los espacios por parte de unos ciudadanos y su respectiva intercomunicación”² (SILVA, 1995:93), isto é, como os sentidos produzidos e consumidos nos espaços e tempos das cidades compõem imaginários urbanos diversos.

Entendemos que estes movimentos manifestam-se de maneira globalizada, são atravessados por processos mais amplos, que atingem e afetam todas as cidades e cidadãos do mundo, assim como a revolução tecnológica microeletrônica, a (des)territorialização, entre outros. Tais processos complexos e de grandes proporções, visto que atingem com as mesmas estratégias diversos lugares, economias, políticas e culturas ao mesmo tempo, se constituem por meio de estratégias de ações e decisões de governos e empresas multinacionais, mas também podem ser modificados por ações de sujeitos culturalmente diversos no cotidiano social.

Segundo Canclini, as transformações recentes relacionadas à expansão das misturas e relações entre grupos culturais ultrapassam as ordenações vigentes nos países do mundo todo; os ordenamentos e recursos para as problemáticas da multiculturalidade de que dispunham os países não são mais suficientes. Nos últimos 15 anos, “as trocas econômicas e midiáticas globais, assim como o deslocamento de multidões aproximam

² “Que tem a ver com o uso e interiorização dos espaços pelos cidadãos e sua respectiva intercomunicación”, tradução nossa.

zonas do mundo pouco ou mal preparadas para se encontrarem” (CANCLINI, 2005:16). Para se enfrentar estas mudanças é preciso antes de tudo entender que, de um mundo multicultural, onde a diversidade coexistia ordenada por políticas de afirmação e aceitação das diferenças, chegamos hoje a um mundo intercultural.

A interculturalidade remete a relações de confronto, de troca, de negociações, e a um tempo em que o Estado não dá mais conta de ordenar como as diversas culturas devem se relacionar dentro de suas fronteiras. É na vida cotidiana de trocas midiáticas e urbanas dos sujeitos em suas conexões nacionais e internacionais que se estabelecem as novas formas de sociabilidade mundial.

“Todos – padrões e trabalhadores, nacionalistas e recém-chegados, proprietários, investidores e turistas – confrontamo-nos, diariamente, com uma interculturalidade de poucos limites, freqüentemente agressiva, que supera as instituições materiais e mentais destinadas a contê-la.” (CANCLINI, 2005: 17).

Podemos perceber na cidade contemporânea como os diversos sujeitos se relacionam às várias mudanças provocadas pelos avanços tecnológicos na transmissão, gerenciamento e manipulação de informações e recursos financeiros, deslocamento de pessoas e conseqüentemente de culturas, instaurando um modo de viver globalizado. Mudanças que podem ser entendidas no âmbito espacial e temporal: o aumento da velocidade da vida cotidiana, múltiplas territorialidades coexistentes em um mesmo local, informações que não cessam de chegar de todo lugar a todo instante. Encontramos nas ruas da cidade uma grande variedade de stickers³ colados, fazendo parte de um movimento na internet que integra a troca de desenhos e inscrições, sempre associados a uma idéia, seja ela referente à diminuição do consumo energético mundial, seja associada ao vegetarianismo. O uso da internet associado ao das ruas da cidade ainda proporciona visibilidade aos modos de como os papéis são colados na cidade, já que nos websites os sujeitos postam imagens fotográficas dos seus stickers colados em paredes, telefones públicos, escadarias, grades de proteção de várias cidades do mundo, comunicando suas opiniões.

Assim, a diversidade ocupa, se apropria e se relaciona continuamente com uma cidade saturada de mensagens, mas que não deixa de ser um espaço resignificado, um território. Em um território fixo, temos configurada a potência de produção de inúmeras cidades simbólicas para cada sujeito, individual ou coletivo, que a experiencia. Neste fenômeno ocorrem diversas atribuições de sentido a um mesmo local, várias cidades

³ Do inglês, adesivos. Tratam-se de pequenos papéis produzidos e colados pelas ruas das cidades.

coexistentes em um mesmo espaço, mas nem sempre em tempos diferentes, e é o que chamamos aqui de processos de territorialização.

“Devemos ressaltar que esse movimento característico dos espaços urbanos contemporâneos tem dinâmica multidimensional, potencializadora da diversidade e atravessada por contradições significativas entre o todo e a parte, o global e o local, o público e o privado. Contradições que são construídas em função dos arranjos e negociações que vão se estabelecendo no processo de usar este espaço em comum que é a rua de uma grande cidade.” (FONSECA, 2006: 2).

Neste sentido as relações de comunicação urbana nos abrem caminhos para pensarmos os problemas sociais e culturais de âmbito mais abrangente nas realidades dos países atualmente. As relações espaciais e temporais das dimensões do global e do local se anunciam intrinsecamente conectadas nos ambientes urbanos, assim como aos modos encontrados pelos sujeitos de participar da cidade.

“A identificação dos elementos de mediação materiais ou interpessoais permite entender o processo de comunicação que ocorre nas cidades, mas a correlação desses dois modos de mediação permite entender os significados de uma cultura que encontra, na cidade, o lugar privilegiado de comunicação. Entretanto, a distinção concreta dessas mediações nos leva a enfrentar duas manifestações culturais e comunicativas: a comunicação formal da cultura material e a comunicação informal da cultura enquanto experiência.” (FERRARA, 2002:139)

A pluralidade de tempos, articulados com os territórios resignificados e as situações onde as experiências urbanas se instauram promovem a emergência de variados sentidos em cada sujeito, individual e coletivo, que experimenta a cidade. A diversidade está presente no cotidiano da cidade, nos imaginários urbanos, mas sua visibilidade ainda não tomou conta da nossa realidade empírica. Investigar e mapear como as situações de comunicação urbana dos sujeitos comuns ocorrem, a partir do que estamos aqui nomeando como diálogos públicos nos levará a um entendimento mais complexo das potências da comunicação na sociabilidade urbana.

“La ciudad se aproxima a un patchwork en el que cada fragmento libera su sentido, en el que no predomina la diferencia, sino el contraste y la desigualdad.” (GORELIK, 2004:184)⁴.

Escrita e leitura, o todo e a parte

⁴ “A cidade se aproxima de uma bricolagem em no qual cada fragmento libera seu sentido, no qual não predomina a diferença, sim o contraste e a desigualdade.” Tradução nossa.

No espaço urbano, as informações são disponibilizadas no suporte cidade, suas ruas, equipamentos, veículos, em suma, objetos materiais que permitem que uma escrita se constitua. Walter Benjamin já nos esclarecia em seus apontamentos sobre as cidades, principalmente em “Rua de Mão Única”, a potência do espaço urbano como um novo lugar cognitivo – “a escrita da cidade”; a cidade como suporte e conteúdo ao mesmo tempo. É importante ressaltar que a novidade da “escrita da cidade” a invoca não apenas como suporte material dos textos, mas também como forma significativa, como um lugar de imersão: o simples estar na cidade aciona nossa leitura e escrita, relações que estabelecemos, contínua e contiguamente, com o ambiente em que estamos.

Para se revelar como um texto legível, a cidade depende da apreensão de cada sujeito, pois “são textos triviais, percebidos na maioria das vezes, de passagem, de modo distraído” (BOLLE, 1994: 274) que articulados às experiências próprias conformam nossos afetos, entendimentos e conhecimentos a respeito dos espaços urbanos. Cada sujeito experimenta o espaço comum da cidade, acionando e acessando suas memórias, experiências, seu próprio corpo. Dessa maneira, a cidade é resignificada por cada sujeito que a experimenta, produzindo e reproduzindo diversos sentidos.

O pensamento de Bernard Lepetit ao tratar de sua proposta de hermenêutica das cidades completa esta linha de raciocínio, quando diz que

“a compreensão do eu passa pela compreensão dos mundos nos quais o eu se informa e se forma, ela se completa na interpretação do eu feita por um sujeito que se compreende melhor e de outra maneira. A compreensão do texto tem o caráter de uma apropriação.” (LEPETIT, 2001:151)

Ao compartilhar os sentidos dos textos com os outros habitantes que convivem neste espaço, a cidade se estabelece como um lugar possível de se realizarem trocas simbólicas.

Nesse sentido, se faz necessário esclarecermos o pensamento de Bakhtin para o entendimento das relações sociais a partir do micro, para se entender o todo. Ao apontar que “cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória” (BAKHTIN, 1999: 66), o autor assume que em qualquer síntese das relações sociais, podemos captar como elas se estabelecem no âmbito global.

Este pensamento está relacionado intrinsecamente com a proposição da monadologia em Gabriel Tarde, que é retomada posteriormente nas análises e

abordagens de Walter Benjamin. Os conceitos teóricos da monadologia delimitam que é a diferença que compõe todos os fatos do mundo, e que isso se verifica ao entendermos a composição infinitesimal dos fatos – a miríade de relações possíveis de se estabelecer entre fenômenos sociais que acontecem no mesmo tempo e espaço. Esta composição infinitesimal se daria por meio das mônadas, partes que em sua relação continua e primordial, se articulam no todo. E como são todas diferentes entre si, e dependem da relação para coexistirem, podem ser capturadas a fim de analisar os fenômenos de maneira global. Quando apreendidas de sua dinâmica constitutiva, podem se constituir como objeto de análise das teorias sociais.

Segundo Vargas, a teoria social de proposição de Tarde “estabelece que o exercício de composição social é a atividade política por excelência, aquela que sempre está sendo (re)feita.” (VARGAS in TARDE, 2007:38).

Assim como na visão de Bakhtin, podemos abordar os diálogos constituídos na escrita da cidade como parte integrante de debates globais e locais, ao estabelecer movimentos de discussão, confirmação, busca pelo apoio dos outros sujeitos que estão em convivência cotidiana. A partir da apreensão e captura destes textos na cidade podemos propor análises que reconstituem e visibilizam problemáticas que vão além do que as inscrições nos dizem. Tais preocupações podem ser tanto da falta de lugar de comunicação dos sujeitos comuns, como da reivindicação de prestação de contas das instituições públicas, como de indignações frente aos escândalos de corrupção nos âmbitos governamentais, como um apelo à preservação da natureza dando ênfase a utilização de meios de transporte que se utilizem de energias alternativas.

Dessa maneira, podemos relacionar ainda a discussão de Bakhtin acerca da necessidade da comunicação estar atrelada à complexidade dos contextos em que está estabelecida. O autor propõe que a comunicação verbal não deve estar isolada de seus contextos cultural e histórico, “da comunicação global em perpétua evolução” (BAKHTIN, 1999:124). Como estas práticas culturais urbanas se conectam a outros momentos e experiências na escrita da cidade?

As experiências em campo

A perspectiva teórica apresentada por Lepetit, seguindo o historiador alemão Reinhart Koselleck, que relaciona as práticas e modos de fazer aos tempos históricos da vida social, nos traz uma outra maneira de se pensar a complexidade urbana e a

articulação da experiência dos sujeitos individuais e coletivos. Suas proposições partem da premissa que a articulação das experiências do tempo passado vem constituindo um espaço de experiência que é atualizado no tempo presente ao se realizar as práticas culturais. Assim, teríamos no passado uma constelação de possibilidades de escritura para o presente histórico, objetivando o horizonte de expectativa no tempo futuro em alguma medida já estabelecido.

Esta perspectiva estabelece uma contradição com a ideologia de progresso que proporciona a perda do sentido do presente, já que o passado é algo que não se almeja reproduzir, desqualificando inclusive todos os momentos de experiências; e o futuro se coloca como algo indiscernível.

Nesse sentido, o presente histórico se confirma como uma alternativa para abordagem das histórias sociais, dando vida às potencialidades não realizadas no passado objetivando um projeto de futuro escalonado com precisão, um horizonte de expectativa que se mune das experiências do passado.

Problematizando a comunicação na cidade nessa perspectiva, ao materializar uma mensagem no presente instantâneo, os sujeitos estariam acessando o campo de experiências realizadas no tempo passado, a fim de obter sucesso na comunicação pretendida, ou seja, para atingir seu horizonte de expectativa. Desse modo, a superação das crises e conflitos que permeiam as cidades hoje, estaria relacionada a uma valorização das práticas já realizadas, sejam elas estratégias ou táticas, globais ou locais.

Este artigo se conforma como uma etapa da nossa pesquisa de mestrado em que várias indagações teóricas se conectam e apontam para caminhos que serão percorridos na seqüência da pesquisa. Dessa maneira, algumas questões se consolidam e se articulam na busca das investigações pretendidas na tessitura da dissertação: como os sujeitos se utilizam das placas de trânsito, da praça pública, do muro e dos postes para postar seus avisos e como os produzem associados às memórias dos modos de se comunicar já estabelecidos culturalmente?

Enfim, como esta ação comunicativa dos sujeitos urbanos se utiliza de todas as maneiras já existentes para realizar o seu diálogo público, acessam as estratégias e os recursos disponíveis para concretizar seu horizonte de expectativa – a relação urbana? E como estes movimentos propiciam o desenvolvimento de outras sociabilidades e choques capazes de dar visibilidade a outras experiências?

Bibliografia

ARANTES NETO, Antonio Augusto. *Paisagens Paulistanas: transformações no espaço público*. Campinas SP: Editora da Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2000

BRAGA, José Luiz. *Constituição do Campo da Comunicação*, in NETO, Antônio Fausto; PRADO, José Luiz Aidar; PORTO, Sérgio Dayrrel, orgs. *Campo da Comunicação – caracterização, problematizações e perspectivas*. João Pessoa: Editora Universitária, 2001

BARBERO, Jesus Martin. *Dos meios às mediações – Comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

BARROS, Diana L. *Dialogismo, polifonia e intertextualidade*. São Paulo: Edusp, 1994.

BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas Vol. I – Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000

_____. *Obras Escolhidas Vol. II - Rua de Mão Única*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000

BOLLE, Willi. *Fisiognomia da Metrópole Moderna: Representação da História em Walter Benjamin*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994

CANEVACCI, Massimo. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

CANCLINI, Nestor Garcia. *Diferentes, Desiguais, Desconectados*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes, 2004.

FRANÇA, V e MAIA, R. *A comunidade a conformação de uma abordagem comunicacional dos fenômenos*. In Lopes, M.M. *Epistemologia da comunicação*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 187-204.

FERRARA, Lucrecia D'Aléssio. *Ver a cidade*. São Paulo: Nobel, 1988.

_____. *Design em espaços*. São Paulo: Rosari, 2002.

_____. *Cidade: Fixos e Fluxos*. Bauru, 2005. Texto apresentado no Simpósio Interfaces das representações urbanas em tempos de globalização.

FONSECA, Cláudia Graça et alli. *Diálogos da rua, os sentidos em produção no Hipercentro de Belo Horizonte*. In: Anais II Enecult, Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, Salvador, 2006.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Os momentos e seus homens*. Org. Winkin, Yves. Lisboa: Relógio D'água Editores, 1999.

- GORELIK, Adrián. *Miradas sobre Buenos Aires: história cultural e crítica urbana*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno editores Argentina, 2004.
- JACOBS, Jane. *Morte e Vida de Grandes Cidades*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- JACQUES, Paola Berenstein. *Apologia da Deriva: escritos situacionistas sobre a cidade*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.
- JOSEPH, Isaac. *Erving Goffman e a microsociologia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2000.
- LEPETIT, Bernard. *Por uma nova história urbana*. Org. SALGUEIRO, Heliana Angotti. São Paulo: Edusp, 2001.
- LEFEVBRE, Henry. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.
- SILVA, Armando. *Os imaginários urbanos na América Latina*. in: BRANDÃO, Carlos Rodrigues e MESQUITA, Zilá (org). *Territórios do cotidiano: uma introdução a novos olhares e experiências*. Porto Alegre/Santa Cruz do Sul: Editora Universidade/UFRGS/ Editora Universidade de Santa Cruz do Sul/ UNISC, 1995.
- SIMMEL, Georg. *A metrópole e a vida mental*. in: VELHO, Otávio Guilherme. *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- TARDE, Gabriel. *A opinião e as massas*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- _____. *Monadologia e sociologia – e outros ensaios*. Org. VARGAS, Eduardo Viana. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- WILLIAMS, Raymond. *La larga revolución*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 2003.